

São, todavia, detalhes quase microscópicos. Numa avaliação global, trata-se de um livro bem escrito, que veicula uma informação correcta e actual e que será muito útil a quem pretenda ter uma visão de conjunto sobre o que foi o comércio de negros ao longo do tempo.

JOÃO PEDRO MARQUES

*Charles Taylor, Varieties of Religion Today — William James Revisited*, Cambridge, Harvard University Press, 2002 (2.ª ed., 2003), 127 páginas.

Se alguém escolheu a ciência como profissão, poder-se-á sentir de vez em quando confrontado com um vago sentimento de derrota quando lhe surge a ideia de que apenas os artigos científicos que saíram recentemente deveriam ser considerados modernos, ou pelo menos cientificamente actuais. Nesses momentos parece quase um alívio quando o cientista desiludido encontra um autor internacionalmente reconhecido que encara um livro com mais de cem anos como extremamente contemporâneo. «[...] it could have been written yesterday, as against almost a hundred years ago» (p. v), escreve o filósofo canadiano Charles Taylor no prefácio do seu

livro *Varieties of Religion Today — William James Revisited*, referindo-se ao produto das famosas *Gifford Lectures* de William James em Edimburgo nos anos de 1901-1902. Ou seja, Taylor fala do célebre livro *The Varieties of Religious Experience*, que é hoje em dia apreciado por unanimidade como o grande clássico da psicologia da religião. Aqui o fenómeno religioso foi explicado por William James como uma experiência do interior subjectivo, como um entusiasmo individual, ou como um sentimento original de uma alta felicidade provocada pelo contacto com o divino, e Taylor repete logo no princípio do seu livro a definição jamesiana da religião enquanto «the feelings, acts and experiences of individual men in their solitude, so far as they apprehend themselves to stand in relation to whatever they may consider the divine» (p. 5). Desta maneira, o estado religioso de um indivíduo é sempre um fenómeno psíquico, e por isso teoricamente *incomunicável*. Comparado com este «first-hand religious experience» (p. 6) do indivíduo, o papel das religiões institucionais e as suas formas sociais, ou seja, as igrejas, são completamente secundários — e podem até sufocar todas as experiências religiosas autênticas. Neste sentido, William James ignorou voluntariamente o carácter social ou a prática colectiva de uma religião, mas chamou já muito cedo a atenção para um individualismo religioso que coloca hoje em dia a pergunta necessária de saber se o nosso individualismo

contemporâneo pode ser encarado como especificamente moderno.

Não foi talvez por acaso que as mesmas *Gifford Lectures*, desta vez na Primavera de 1999, deram origem ao livro de Taylor. Estas *lectures* foram apresentadas mais uma vez e de uma forma actual e aprofundada na Primavera de 2000 em Viena, no Institute for Human Science, por ocasião do centenário do nascimento de Hans Georg Gadamer. Originalmente, as *lectures* deveriam delinear o entendimento do adjectivo «secular», que é geralmente, e muitas vezes de uma forma impaciente, usado para a designação da época actual dentro da história humana. Para a sua preparação, Taylor usou William James como uma das fontes mais importantes. Estes estudos preparativos tiveram como resultado uma leve modificação dos planos iniciais. Taylor raciocina agora sobre o papel da religião na nossa «época secular», sempre sob a forma de uma confrontação e conversação íntima com William James, e começa assim o primeiro capítulo com a pergunta simples: «What is religious experience?» Para responder a esta pergunta, Taylor parte do carácter anti-institucional do entendimento jamesiano da religião e sublinha criticamente logo no princípio que esta concepção do fenómeno religioso sofre de alguns «blind spots» (p. 3). Assim, nas páginas seguintes, o leitor pode fazer uma viagem sólida especialmente dentro da história e tradição cristã (e sobretudo dentro da história do cristianismo romano-católico), na qual

Taylor pretende descobrir as origens deste «personal commitment» (p. 15) dentro da religião. Já na Bíblia se encontram, por exemplo, indicações a partir das quais é melhor oferecer a Deus um coração arrependido do que sacrificar animais (salmo 51). Taylor continua com outras referências e aponta nomeadamente para o IV Concílio de Latrão (1215), onde foi exigida pelo menos uma comunhão e uma confissão anuais. A partir daqui cresce cada vez mais a necessidade de interiorizar a religião: «From that point on, the pressure to adopt a more personal, committed, inward form of religion continued, [...] reaching a new stage with the Reformation» (p. 9). E este peso das obrigações ou deveres interiores pode ser descoberto ainda em doutrinas morais secularizadas, como, por exemplo, nas diversas formas do kantianismo. Taylor encontra-se neste ponto perante uma situação ambivalente. Por um lado, a concepção jamesiana oferece uma óptima possibilidade de confrontar a religião com as diversas mundividências secularizadas. Por outro lado, a observação destas tradições dentro do cristianismo conduz a uma certa limitação do fenómeno religioso em James devido à sua «Protestant tradition of understanding» (p. 23). Ao contrário da concepção jamesiana, Taylor destaca a impossibilidade de separar a vida religiosa da sua expressão colectiva. Neste sentido, Taylor aumenta a sua crítica, negando estritamente a ideia a partir da

qual uma experiência religiosa podia existir sem qualquer base social. Lembrando Hegel e Wittgenstein, Taylor escreve: «The experience can have no content at all if you can't say *anything* about it» (p. 27). Mas estas considerações do primeiro capítulo ajudam apenas a situar o olhar jamesiano no mapa dos modernos fenómenos religiosos. Para Taylor não há dúvidas de que William James não era capaz de observar o campo inteiro destes fenómenos, embora ele tivesse uma visão extremamente nítida e intensa para as realidades do seu tempo.

Estas realidades serão o ponto principal do segundo capítulo. Taylor desenvolve aqui alguns pensamentos que fazem entender, de uma maneira muito lúcida, a situação espiritual no fim do século XIX e no princípio do século XX. Por outras palavras, seguem-se análises notáveis dos tempos iniciais da modernidade. Taylor começa com o ponto central na obra de James no qual ele diferencia os «once-born» dos «twice-born». Os primeiros vivem numa relação saudável com o universo, para eles o mundo apresenta-se numa situação perfeita e divina. Na sua condição saudável («healthy-minded»), eles não podem imaginar um mundo melhor e não necessitam assim de praticamente nenhuma religião. Ao contrário dos segundos, que podem ser descritos como os «sick souls» (ou «morbid-minded»). Estes apenas repararam no lado obscuro do universo, na dor, nas doenças ou, em geral, no sofrimento do mundo. Nestas almas

doentes rebenta a ideia da salvação; os «twice-born» têm de morrer nesta vida irreal para nascerem outra vez na verdadeira vida real. Aqui encontra-se a essência de todas as religiões da salvação. Nesta distinção, Taylor entende perfeitamente a ironia de James e aponta para a identificação dele com os doentes (pp. 33 e segs.). É especialmente neste ponto que surge para James a necessidade de uma religião. Ao referir-se ao texto jamesiano *The Will to Believe*, de 1897, Taylor mostra de uma forma excelente como James foi pessoalmente envolvido na oposição contra os fortes movimentos agnósticos que consideraram a religião um fenómeno ultrapassado: «Like any sensitive intellectual of his time and place, James had to argue against the voices, within and without, that held that religion was a thing of the past, that one could no longer in conscience believe in this kind of thing in an age of science» (p. 43). Taylor tenta agora elaborar, via Charles Baudelaire, uma descrição de uma certa melancolia como verdadeiro espelho dos tempos a partir dos quais a modernidade arrancou. Esta melancolia moderna é também largamente conhecida como «a morte de Deus», «niilismo ocidental», ou como «o desencantamento do mundo», ela apresenta-se, finalmente, como a perda definitiva de um sentido do universo ou como o vazio absoluto: «Melancholy, modern style, in the form of a sense of perhaps ultimate meaninglessness, is the recognized modern threat» (p. 41). A partir deste ponto,

James já não acredita que a razão tem de conduzir automaticamente a qualquer forma de agnosticismo e defende que o *Will to Believe* também pode ser considerado uma escolha racional. (Um leitor com alguns conhecimentos da literatura ibérica lembrar-se-á aqui do clássico *O Sentimento Trágico da Vida*, de Miguel de Unamuno, que usou, apenas quinze anos mais tarde, argumentos extremamente iguais para um fim quase idêntico.) Devido a esta defesa da fé e especialmente a esta análise da modernidade, Taylor encara James, no final do segundo capítulo, como: «[...] our great philosopher of the cusp [...] He describes a crucial site of modernity and articulates the decisive drama enacted there» (p. 59).

Embora a confrontação directa com James termine neste ponto, Taylor usa as argumentações dos primeiros dois capítulos para entender esta crescente necessidade de se decidir entre fé e agnosticismo, ou, em geral, a compreensão programática do papel contemporâneo da religião. Este papel apenas pode ser entendido sob dois pressupostos. Por um lado, a esfera pública do nosso mundo torna-se cada vez mais secular e neutral. Isso significa que a moldura social, onde acontecem estas decisões individuais, tem cada vez menos possibilidades de representar uma ou outra posição. Por outro lado, estas decisões criam uma paisagem espiritual onde há cada vez menos hipóteses de estabelecer relações colectivas. Taylor não quer oferecer nenhuma descrição geral, mas

entende, através destes dois pressupostos, a recente história ocidental como dividida em três formações. A designação destas formações depende da relação «between adhering to God and belonging to the state — hence my epithet ‘Durkheimian’». Em primeiro lugar, temos a formação «paleo-Durkheimian», que dominou nos países católicos, onde ser membro da Igreja e ter identidade nacional significaram a mesma coisa. De seguida, podemos falar de uma formação «neo-Durkheimian», na qual já há um alto grau de individualismo, mas onde um povo inteiro, independentemente de uma pluralidade de denominações religiosas, entende o seu destino dirigido por uma vontade divina. Influenciado pelo livro *Public Religions in the Modern World*, de José Casanova (1994), Taylor chama a atenção para o facto de os políticos conservadores e a direita cristã, especialmente nos Estados Unidos, tentarem estabelecer novamente esta formação «neo-Durkheimian» (p. 94). E, finalmente, Taylor apresenta a formação «post-Durkheimian» do nosso tempo, onde já não existe qualquer relação entre orientação religiosa e identificação nacional. «Paleo-, neo-, post-Durkheimian describe ideal types. My claim is not that any of these provides the total description, but that our history has moved through these dispensations, and that the latter has come more and more to color our age» (p. 97).

Este nosso mundo «post-Durkheimian» podia agora parecer um paradigma do mundo «Jamesian»

(p. 111), e Taylor pergunta-se no último capítulo se James tinha razão em reduzir o fenómeno religioso às experiências individuais. Taylor responde a esta pergunta negativamente com dois argumentos. Em primeiro lugar, sempre é pensável a possibilidade de um regresso do nosso tempo «post-Durkheimian» a uma formação «paleo-» ou «neo-Durkheimian». Em segundo, todos os sistemas religiosos já têm em si a tendência para provocar certos desvios. Os custos espirituais podem ser de vez em quando demasiado altos para continuarem no mesmo sistema religioso. O crente tem sempre a possibilidade de mudar o sistema. Em conclusão, nenhum indivíduo está plenamente satisfeito com a sua experiência religiosa sem a possibilidade de partilhar a mesma, tendo em conta que cada indivíduo religioso tem a tendência para desenvolver uma vida religiosa. Contudo, para além destas críticas, não há dúvidas para Taylor de que James ainda continua a ser uma referência importante para a compreensão do nosso mundo: «James's book lives on so strongly in our world» (p. 116).

Taylor, por si, na sua confrontação com William James, não conseguiu escrever nenhum novo clássico dentro da psicologia ou sociologia da religião. Porém, o livro *Varieties of Religion Today* continua a desempenhar uma função notável para a compreensão da esfera religiosa no nosso mundo contemporâneo, provocando alguns pensamentos controversos e mais profundos especialmente em termos da definição dos conceitos (muitas vezes erroneamente interpretados)

«secular» e «individualismo». E, por fim, Taylor sublinhou mais uma vez a necessidade de ler e reler os clássicos, um conselho que poderá parecer muito pouco moderno...

STEFFEN DIX

*Isabel Dias, Violência na Família — Uma Abordagem Sociológica*, Porto, Edições Afrontamento, 2004, 458 páginas.

Este livro, da autoria de Isabel Dias, que resulta de uma dissertação de doutoramento em Sociologia apresentada na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, centra-se na problemática da violência doméstica e revela o carácter paradoxal da família moderna — palco da coexistência de abusos e afectos.

A obra divide-se em duas partes. Na primeira, intitulada «Violência doméstica: a construção social e científica de um objecto», é apresentado, ao longo de cinco capítulos, o enquadramento teórico-conceptual que estrutura a investigação. Através de um olhar minucioso e exaustivo, a autora começa por sublinhar como já na família tradicional se encontravam fontes de tensão e conflito, explicitando depois como a privatização da família moderna e o centramento sobre si própria privilegiaram, por um lado, a concretização dos afectos, mas, simultaneamente, fizeram com